A comuna de Paris

No dia 18 de março de 1871 o povo de Paris levantáva-se contra um poder detestado e despresado por toda a gente, e proclamáva a cidade de Paris independente, livre, pertencendo se a si própria.

Esta destruição do poder central fez-se sem o costumado scenário duma revolução: nesse dia não houve tiros nem sangue derramado por detraz das barricadas. Os governantes eclipsaram-se diante do povo armado, reunido na praça publica: a tropa saiu da cidade, os funcionários apressaram-se a fugir para Versalhes, levando consigo tudo o que puderam. O governo evaporou-se, como um pântano de água pútrida ao sopro dêsse vento de primavera, e no dia 19, Paris, tendo derramado apenas uma gota de sangue dos seus filhos, encontrou-se livre da podridão que empestava a cidade.

E contudo a revolução que acabava de realisar-se assim abria uma era nova na série das revoluções, pelas quais os povos caminham da escravidão para a liberdade.

Como se dá sempre com as grandes ideas, a *Comuna de Paris*, não foi o produto das concepções dum filósofo, dum individuo: nasceu no espirito colectivo, saiu do coração dum povo inteiro; foi vaga a principio, e muitos dos próprios que a realisaram e que deram a vida por ela, não a imaginaram no comêço como nós a concebemos hoje; não conhecêram bem a revolução que fizeram e a fecundidade do novo principio que procuraram pôr em execução.

Foi só ao fazer a aplicação prática que se começou a entrever o seu alcance futuro; foi só no trabalho do pensamento que se operou depois, que este novo principio se precisou pouco a pouco, se determinou e apareceu em toda a sua lucidez, a sua belêsa, a sua justiça e a importância dos seus resultados.

A revolução de 1871 foi um movimento eminentemente popular. Feita pelo próprio povo, nascida espontaneamente no seio das massas, foi na grande massa popular que ela encontrou os seus defensores, os seus herois, os seus mártires,—e é sobretudo esse seu caracter «canalha» que a burguesia nunca lhe perdoará. E ao mesmo tempo a idea principal desta revolução—vaga, é verdade, inconsciente talvez, mas nem por isso menos pronunciada, marcando todos os seus actos,—é a idea da revolução social, tentando estabelecer, enfim, após tantos séculos de lutas, a verdadeira liberdade e a verdadeira egualdade para todos.

Era a revolução da «canalha» caminhando para a conquista dos seus direitos.

Tem-se procurado, é verdade, e procura-se ainda desnaturar a verdadeira significação dessa revolução e apresentá-la como uma simples tentativa para reconquistar a independencia de Paris e constituir assim um pequeno Estado na França.—Não ha nada menos verdadeiro: Paris não procurava isolar-se da França, como não procurava conquista-la pelas armas; não queria encerrar-se dentro dos seus muros como um beneditino num convento; não se inspirava num tam estreito espirito de campanário. Se reclamava a sua independencia, se queria impedir a intervenção na sua vida do poder central, é porque via nesta idependencia um meio de elaborar tranquilamentente as bases da organisação futura e realisar no seu seio a revolução social—uma revolução que transformaria completamente o regime da produção e da troca, baseando-as na justiça, que modificaria por completo as relações humanas pondo-as num pé de egualdade, e que refaria a moral da nossa sociedade, dando-lhe por base os principios da equidade e da solidariedade.

A independencia comunal não era, pois, para o povo de Paris senão um meio; o fim era a Revolução Social.

E esse fim teria sido atingido certamente, se a revolução de 18 de março podesse ter seguido o seu livre curso, se o povo de Paris não tivesse sido acutilado, sabrado, metralhado, estirpado pelos assassinos de Versalhes...

PEDRO KRAPOTKINE.

Apontamentos...

Ha certas criaturas que, embora lhe demonstremos correctamente e sinceramente a veréda errada por onde vão seguindo, devido à tacanhez do seu espirito, aliado a bocalidade soez, exasperam-se bolsando diatríbes contra quem procura desvia-las do pantano da política em que chafurdam.

E geralmente essas criaturas pulalam por aí, enfatuadas dos pingues da *burrocracia* (na frase felicíssima de Camilo), procurando na «alavanca do progresso», porquanto crètinamente, exalçar os *donos* que lhos distribuiram.

Por isso, quando alguem procura desviar os ingénuos que vão seguindo esses mentores—foliculários e encaminha-los a seguir uma vida livre, intensa que se coadune com as reivindicações económico-sociais que a humanidade conscia dos seus direitos procura atingir, eles então expelem a sua bilis peçonhenta, néscia e troculenta.

Desditosa «mocidade» que tens uma tão truanesca «voz» clamando pelas ideas atávicas que calaram no nosso ânimo!

Oh! não ecoar no vosso peito um frémito de revolta contra esses pseudo-orientadores «intransigentes» e arremeterdes contra eles, deixando-os entregues aos pingues das edilidades...

Mas, tanto uns como outros, constituem uma amálgama de inconscientes e néscios, correndo parelhas com o sectarismo e a impudencia; portanto, criaturas desta jaéz não merecem que se perca mais tempo com elas, porque seria estar a deitar pérolas a porcos...

Em conclusão: em vez de mais discussão pela pena, repulsão com a biqueira da bota.

E... ponto final.

MAGALHÃES JUNIOR.

Carta de Lisboa

Carestia da vida

Na semana finda desenrolaram-se, nas ruas da capital, alguns acontecimentos de mais ou menos gravidade, devido á alteração do preço do pão; protestos do povo trabalhador assumiram proporções gigantescas, registando-se inúmeros assaltos a padarias e outros estabelecimentos comerciais; houve várias colisões entre populares, policia e guarda pretoriana, dos quais resultaram ferimentos de parte a parte. A pesada atmosfera de agitação que lavra no seio das classes pobres, revela-nos a iminência da catástrofe, cujo desencadeamento não se fará esperar.

O estado mais e mais precário do povo trabalhador evidencia-nos o futuro aflitivo e ameaçador que se nos depara, se não soubermos, conjugados numa acção enérgica e decisiva, refrear a ganância sem limites dos exploradores que para ai campeiam, aliviando o fardo pesadissimo que nos esmaga.

A excitação popular contra a ganhuça que poderá atingir conseqúencias funestas—demonstra-nos que o operariado está disposto a agir, opondo um dique á roubalheira infame, do alto e baixo comércio.

Que o povo não desarme, deixando-se engodar com falsas medidas de salvação pública que não passam de paliativos, como os decretos de agosto regulando a exportação de gêneros e as decantadas tabelas dos preços, tais são os nossos desejos.

Sessões de protesto

Promovidas pelo Núcleo Juventude Libertária, realisaram-se, no pretérito domingo, importantes sessões de protesto contra a carestia da vida. Na primeira que se efectuou no Alto dos Sete Moinhos, predominava o elemento femenino; na segunda realisada na Federação Corticeira falaram entre outros, os camaradas Julio Cruz, M. de Abreu, A. Figueira Julia Cruz, e Margarida Paula. A terceira, levada a efeito na Secção de Construção Civil do Alto do Pina, esteve egualmente concorridissima pelos operarios daquele populoso bairro. Durante a semana finda novas sessões se deveriam ter realisado em diversas colectividades obreiras.

Comicios

Hoje, domingo, as associações operárias de Almada promovem nesta vila um comicio de protesto contra a carestia da vida, pelas 11 horas, estando convidados para usar da palavra conhecidos militantes do movimento social; tambem, pelas 15 horas, será levado a efeito, em Lisboa, pela União dos Sindicatos e para idêntico fim, um outro comício, que se espera seja uma demonstração grandiosa de forças proletarias.

Que o elemento obreiro faça ouvir o seu exigente e colossal protesto, para que ele resulte profícuo para o bem geral!

Povo trabalhador: Aos comícios.

Abaixo os detentores dos víveres!

A' luta contra a exploração burguêsa!

A. N.

A burguesia alemã e a guerra

No Livro Amarelo francês há um relatório datado de julho de 1913, «segundo os agentes diplomáticos e consulares franceses,» sôbre a opinião pública alemã a respeito da guerra há muito esperada. Discutindo o desejo duma guerra em certos meios, diz o relatório que «outros a consideram necessária por motivos económicos, fundados no sobrepovoamento e na sobreprodução, na necessidade de mercados e de saídas, ou por motivos sociais tais como a convicção de que só uma diversão no exterior pode impedir ou demorar a ascensão ao poder das massas democráticas e socialistas.»

...«Finalmente, esta classe social (Junker), que forma uma jerarquia da qual o rei da Prússia é o chefe supremo, vê com terror a democratização da Alemanha e a crescente fôrça do partido socialista e considera que os seus dias estão contados. Não sómente os seus interesses materiais são ameaçados por um movimento formidavel contra o proteccionismo agrário, mas também a sua representação política diminui em cada legislatura».

«... A grande burguesia, representada pelo Partido Liberal Nacional, o partido dos «satisfeitos,» não tem as mesmas razões para desejar a guerra. Salvo excepções, porém, é belicosa. Tem as suas razões de natureza social. A classe média superior não é menos atingida do que a nobreza pela democratização da Alemanha. Em 1871, tinha ela 125 representantes no Reichstag, 155 em 1874, 99 em 1887 e 45 em 1912.»

Os motivos que determinam estas classes são ao mesmo tempo económicos e politicos, mesmo quando se mostra apenas sob o aspecto político, pois é para manter a sua fôrça política.

Nem se estranhe que elas dêem tanta importância á representação parlamentar, a qual para as sub classes burguesas e nas lutas entre elas travadas tem realmente valor; nem que elas tanto receiam a conquista democrática do poder. Esta pode não ter para o povo trabalhador grande alcance e deixar a organização social substancialmente na mesma; mas é questão de vida e de morte para certas sub-classes burguesas, que podem ser despojadas da garantia do poder político, instrumento de enriquecimento, e até económicamente arruinadas, em proveito, não do povo, mas de outras sub-classes privilegiadas e de outras burocracias. Daí as lutas acesas entre os partidos burgueses ou dirigidos por burgueses e entre as categorias capitalistas em tôrno de interesses particularistas, ás vezes até por causa da simples mudança dum ministério, duma lei fiscal ou duma reforma eleitoral.

O relatório francês diz ainda:

«Finalmente os fabricantes de canhões e blindagens, os grande negociantes que clamam por maiores mercados e os banqueiros que especulam com a Idade de Oiro e com a indemnização de guerra, pensam que a guerra seria um bom negócio.»

Seria preciso examiar que poder sôbre o govêrno e opinião de cada país teem estas categorias de interessados e que laços as prendem ás outras classes influentes e governantes. Para não sair da Alemanha, o Kaiser, os diferentes chefes dos Estados alemães, os nobres militares, etc., são dos maiores interessados na indústria da guerra e da colonização.

Os interesses que determinaram a guerra são, repitamos, ao mesmo tempo económicos e politicos; as duas coisas são inseparáveis. São capitalistas, no sentido lato da palavra. Na Alemanha, interesses comerciais, interesses industriais, interesses militares, politicos etc., tudo isso se combinou para vencer as resistências, vindas mesmo de parte da burguesia, tudo isso forma um todo intricado e indestrincavel, tudo isso se reúne amiude nas mesmas oligarquias ou individualidades poderosas.

Se assim não fôsse, se, por exemplo, à guerra se opusesse a burguesia capitalista, poderia ela estalar, em países tam industriais e de capitalismo tam rico, em paízes que tanto empenho teem mostrado na conquista ou manutenção de colónias e que por êsse motivo muitas vezes estiveram para vir ás mãos?

Voltaremos ao assunto.

OS ANARQUISTAS E A GUERRA

II

Barafusta-se para aí que a guerra dos aliados contra os alemães é uma guerra de libertação dos povos oprimidos pela pata esmagadora do imperialismo prussiano. Será? Os guerristas de todos os países que simpatisam com os aliados, dizem que sim; mas os guerristas dos países afectos à Alemanha, dizem que não.

De que lado está a razão? Se apreendermos só os factos que nos conduzem a resultados imediatos, isto é, *ao mal menor*, a razão está do lado dos que simpatisam com os aliados, atendendo a que o maior perigo reside no militarismo tudêsco, que, segundo os informes da imprensa mercantilista se tem revelado o mais prepotente e despótico; mas se olharmos mais para alem da realidade actual, vemo-nos forçados a concordar que outro perigo surge mais prepotente e mais despótico ainda.

Na luta pela vida um progresso implica evidentemente um regresso: quanto mais o melhor adaptado ou mais forte se aperfeiçoa, tanto mais o mais debil ou pior adaptado regressa ao seu primitivo estado, terminando por ser vencido ou aniquilado, sem esperança alguma de mais tarde ser tido como um valor.

Um dos pontos capitais em que se baseiam alguns técnicos militares para justificar o acto belicoso da Alemanha, éra (se este país não se lançasse imediatamente na aventura) o perigo que corriam os vastos dominios do Kaiser, vista a lei dos três anos em França aumentar consideravelmente os seus efectivos, e o incremento que na Rússia estavam tomando os preparativos guerreiros.

Assim, dizem, sendo a Rússia aliada da França e coincidindo o aumento do efectivo duma com os preparativos guerreiros da outra, a Alemanha previu o risco que corria se permanecesse inactiva como mera espectadora. Além disso, a Inglaterra, que na Alemanha encontra uma invencivel rival industrial, comercial e financeira, deixaria os aliados (franceses e russos) esfarrapar a Prussia sem o minimo protesto, limitando-se á neutralidade e a vigiar o seu comércio maritimo.

Mas dêmos, porem, de barato que não fosse este o móbil que determinou a Alemanha, ou antes, que moveu o militarismo teutónico a provocar a conflagração europeia. Supunhamos que realmente nada disto influiu para provocar a catastrofe, e que a determinante, a causa eficiente éra a hegemonia alemã na Europa, como os críticos aliados nos querem fazer crer.

Este conceito da diplomacia da *Triple Entente*, habilmente posto com a ajuda dos escritores, jornalistas e propagandistas da guerra *libertadora*, foi admiravelmente aceito pelos revolucionarios intervencionistas. O temor do barbarismo alemão dominar na Europa inteira concorreu imenso para que muitos dos *nossos* aceitassem a cruel realidade, sem reflectirem nas conseqúencias futuras. E assim, impensadamente, socialistas, anarquistas e sindicalistas estão colaborando com o Estado burguês, o qual uns e outros, prometeram aniquilar.

Ora sendo o *mal menor* os diversos militarismos aliados e o *maior mal* o militarismo tudesco, os intervencionistas, apressaram-se a colocar-se do lado que maiores garantias de liberdades lhes oferecia, pois a vitória dos aliados é a da democracia, ao passo que a da Alemanha seria a do absolutismo.

Esta proposição é, porem, inaceitavel; com a vitória da França e da Inglaterra, admitindo *á priori* que elas são as legitimas representantes da democracia, é fatal a vitória da Russia do *knut*, das forcas e da Sibéria, verdadeiro regimen teocrático onde a miseria anda a par da ignorância e do barbarismo cosaco!

Que com a destruição, aliás indispensavel, do militarismo alemão ha de ser um facto o fortalecimento do militarismo russo, ninguem tenha duvidas a esse respeito: o futuro dir-nos-ha o quanto as democracias, coroada e de barrete frígio, concorreram, enfraquecendo-se, para fortalecer o absolutismo brutal da Russia czarista.

A guerra actual teem-nos servido como maravilhosa mestra na lição dos factos; e após a assinatura da paz, coisas algo tétricas nos deixarão atónitos. A França, essa França tantas vezes exalçada como sendo o berço sagrado da revolução, está sendo um campo aberto para repasto da reacção clerical, que aproveita todos os momentos e todos os processos para se salientar na campanha guerrista; e noticiou a imprensa o quanto seria simpático aos aliados ter pelo seu lado o *santo* papa romano!...

A' primeira vista esta intervenção espiritual do *humilde* habitante do Vaticano, parece aos que veem tudo por um prisma optimista e sentimental, mas tambem superficial, coisa de somenos importancia para a actividade revolucionaria. Infelismente, se nos imiscuirmos um pouco no estudo dos resultados que advirão para o catolicismo da intervenção do seu sumo chefe no conflito actual, temos de chegar fatalmente á conclusão de que éla é perniciosa para o livre pensamento.

O papa católico acompanhará com as suas orações as armas dos combatentes ao lado dos quais se colocou; mas, finda a guerra, essas mesmas armas, sejam elas as da democratica França!, terão de estar a seu lado sempre que êle solicite o seu indirpensavel auxilio. Se amanhã estalar uma revolução, mesmo politica, em Itália, dado o caracter impulsivo do povo italiano, a igreja catolica não será poupada quer pela acção quer pela influencia revolucionaria. E como o Pontificie não é um homem cego e surdo-mudo para, por carecer destas faculdades, permanecer estranho ao que se passa á sua roda, imediatamente reclamará o auxílio das armas que êle, agora, como delegado de *deus*, protége, e que *ipsó facto*, serão as vencedoras.

A sua intervenção na guerra coloca os revolucionários intervencionistas numa situação desgraçada; e o país ou países que lhe prestarem apoio, não se subtraem já, e muito menos depois da guerra, á influencia nefasta da igreja catolica.

A França ha-de voltar a ser, pela religiosidade do seu povo, pelo sentimento religioso que a domina, a França das congregações religiosas, a França catolica, apostolica, romana e—quem sabe?—talvez monarquica imperialista!

Que tudo isto seja obra do nosso pessimismo; que tudo tenha sido gerado pelo ódio que sentimos, pela guerra; que tudo isto não passe de divagações desconexas, sem logica nem base, sim, que tudo o que escrevemos sobre a intervenção papal e suas consequencias, não passe de uma mera fantasia insubsitente ao mais leve raciocinio; e nem mesmo assim os intervencionistas desempenham o papel de revolucionarios sociais que lhes estava disbuido.

Em congressos e conferencias, em convenios e reuniões, nacionais ou internacionais, a questão da guerra éra discutida, sem que esquecesse acentuar a atitude que deveriam tomar em face de qualquer agressão, partisse ela de onde partisse. A gréve geral, primeiro, e a insurreição, depois, seriam os pródomos da revolução social. Em tése, era esta a bandeira que os revolucionários de todos os países agitavam; mas, na prática, viu-se o valor das tais famosas organisações sociais democráticas. De internacionalistas que se afirmavam em tempo de paz, rolaram para o nacionalismo localista em tempo de guerra.

Como, pois, harmonisar cinqúenta anos de propaganda teórica com a realidade de um dia?

Nenhum de nós, cremo-lo, deseja a vitória da Alemanha, cuja derrota é mais que provavel, cérta; mas se por um bambúrrio da *sorte* a vitória pendesse para o seu lado, ficaria tão extenuada que seria mais facil leva-la ao desarmamento geral do que, a de novo, empreender a guerra.

O povo alemão, como todos os povos em luta, no fim da guerra terão aprendido uma rude lição que, no futuro, lhes servirá para impedir façanhas identicas à dos criminosos célebres do seculo XX.

A base da Anarquia, segundo Krapotkine, consiste em aplicar o metodo scientifico a tudo o que se refira ao homem e principalmente á sciencia das sociedades, sendo a lei suprema do individuo, a evolução da humanidade, no sentido duma existencia menos felís para a existencia mais felís possivel.

E nós temos esperança que o povo compreenderá o postulado da Justiça e da energia, para, num curto lapso de tempo, quebrar a gargalheira que o traz jungido ao carro da escravidão económica e política.

GIORDANO BRUNO.

Gulpilhares, 1915.

P. S.—No artigo precedente encontraram as gralhas fertil repasto. Onde se lê *alijaram* deve ler-se *alegaram* que altera por completo o sentido; e no final dum dos ultimos periodos apareceu *impuzer* em vez de *impôr*. Rectificamos estas, que outras não merecem especial *corrigenda*.

G. B.

Fenix Comunista—Reune hoje ás 10 horas no local combinado.